

Contato Improvisação: Um estudo Etnográfico*

Contact Improvisation: An Ethnography Study

Recibido: 07 de Septiembre del 2009 | Aceptado: 20 de Diciembre del 2009

CAMILA NERI TORQUATO**
JOSÉ BIZERRIL

Centro Universitario de Brasília, Brasília DF, Brasil

RESUMO

O Contato Improvisação é uma técnica corporal que nasceu nos EUA na década de 70. Nesta dança os praticantes são levados a concentrar-se no próprio movimento e na percepção de como interagem no contato físico com o outro. O objetivo deste artigo consiste em investigar uma das comunidades na cena do Contato Improvisação em Brasília e em identificar como a prática dessa dança participa da corporeidade dos praticantes. A metodologia empregada é a qualitativa de cunho etnográfico. Este método proporciona uma descrição cultural, evoca uma realidade participativa, por meio do diálogo com os entrevistados. Muitas das entrevistas expressam o impacto da atividade do Contato Improvisação nos estilos de vida dos praticantes, o que me permitiu produzir reflexões acerca dos modos de vida no contexto da modernidade-líquida. Os relatos, de modo geral, manifestam a busca pela atividade como uma tentativa de resgatar o contato corporal entre as pessoas, perdido na vida cotidiana e aprimorar a consciência corporal. Identifiquei no grupo uma comunidade formada por maneiras culturalmente elaboradas de atenção ao corpo, que decorrem da prática desta técnica corporal. Concluo destacando como a prática dessa dança colabora no processo de subjetivação dos integrantes, contribuindo para formas específicas de estar no mundo.

Palavras-chave: Técnica corporal; Subjetivação; Modernidade-líquida.

ABSTRACT

The Contact Improvisation is a body technique born in the U.S.A. in the 70s. It is based on body's listening where the dancers concentrate on the movement, the physical contact perception and the interaction with others dancers. The main objective of this paper is to research the community of Contact Improvisation in Brasília, and to understand in which ways dancing transforms the practitioner's embodied selves. The methodology used is the ethnography. This method provides a cultural description, evokes a participatory reality through dialogue with the interviewees. Many of the interviews reflect the impact of the Contact Improvisation's activity in the practitioner's life style, which allowed me to do some reflections about the ways of life in liquid-modernity contexts. The reports showed that people usually looked for Contact Improvisation as an attempt to rescue the body contact lost between them in everyday life. I identified at this group a community formed by culturally developed ways of attention to the body as a result of this technique practice. It was concluded by emphasizing how the practice of this dance influences the way students perceive themselves, contributing with specific forms of being in the world.

Keywords: Techniques of the body; subjectivity; liquid-modernity.

*José Bizerril foi o orientador do presente artigo. Agradeço sua atenção e disponibilidade ao longo da realização deste trabalho.

**Correspondência: Deve ser dirigida a Camila Neri al Centro Universitario de Brasília - UNICEUB, Brasília - DF, Brasil.

Correo electrónico: camilaneri@hotmail.com

Introdução

Ao estudar o Contato Improvisação, encontrei um movimento de desconstrução das concepções de dança, corpo, movimento e papel social, inaugurado por Steve Paxton (Novack, 1990). Na base desta dança há uma intenção de promover a interação entre os corpos por meio da improvisação. Uma atividade em que não existem passos pré-definidos, o movimento se baseia no contato com o outro e no equilíbrio dinâmico desses corpos. Conteúdos estes que serviram como material de reflexão para esse artigo, já que na composição dessa dança existem características que também permeiam o modo de vida contemporâneo, como a ruptura com as normas que definem os papéis sociais, a instabilidade nas relações, o desejo de contato entre as pessoas... Tudo isso permite pensar essa dança como uma metáfora da vida. Essa pesquisa abre espaço para analisar e dialogar acerca de algumas questões de âmbito social presentes no cotidiano contemporâneo.

O método e a concepção epistemológica empregadas nesse trabalho serviram para me aproximar dos nativos; percebê-los em seu contexto social; evocar uma realidade participativa. Neste contexto o entrevistado possui voz para legitimar suas práticas, no momento em que as torna inteligíveis a outras pessoas. Conforme recomendado pelo método etnográfico, ir a campo e praticar as mesmas atividades dos entrevistados me permitiu acessar uma realidade bem diferente daquela que teria observado apenas à distância.

O presente estudo é uma ponte entre a antropologia e a epistemologia qualitativa da psicologia social, uma vez que ambas as disciplinas apresentam perspectivas teóricas convergentes. A compatibilidade entre a etnografia, método típico da antropologia, e a epistemologia qualitativa da psicologia convergem ao desconstruírem a idéia de neutralidade na pesquisa; ao conceberem o resultado do trabalho como conseqüência do vínculo e do diálogo com os nativos; ao realizarem entrevistas abertas e de interesse do entrevistado.

Por outro lado, a epistemologia qualitativa da psicologia (González Rey,

2005) e a etnografia se diferenciam nos seguintes aspectos: o pesquisador não necessariamente precisa conviver com o grupo estudado; é possível também realizar intervenções ou atendimentos no mesmo período da pesquisa, na perspectiva de González Rey. Na etnografia é necessária a participação e o convívio do etnógrafo na vida social dos nativos e as intervenções não ocorrem.

Conforme Lane (2004), os estudos da psicologia social concentram-se em estudar o sujeito a partir de uma perspectiva histórico-social, considerando que não é possível conhecer o comportamento humano isolando-o ou fragmentando-o, como se este existisse em si e por si. Atenta-se em conhecer o indivíduo no contexto de suas relações, tanto naquilo que lhe é específico como naquilo em que ele é manifestação grupal e social. Ressaltando que essa área da psicologia concebe o ser humano como sujeito da História e transformador da própria vida e da sociedade. Deste modo, essa pesquisa encontra-se na área da psicologia social, uma vez que visa conhecer como a prática do Contato Improvisação é vivenciada por um grupo de alunos em Brasília; como essa atividade influencia em suas vidas e o motivo que os levaram a praticá-la.

1. O corpo e suas dimensões no modo de vida pós-moderno

Apresento neste tópico algumas teorias sociológicas do corpo e uma análise dos modos de vida na contemporaneidade. Pretendo promover um diálogo entre os estudos sobre corpo e as descrições macro-sociológicas sobre o mundo contemporâneo. Escolho partir destas perspectivas teóricas porque compreendo que elas contribuem para a análise etnográfica deste trabalho.

1.1 Construção de identidades no mundo líquido-moderno

Neste trabalho, o uso do termo modernidade-líquida descreve a instabilidade das relações no mundo contemporâneo. Este tema é incluído no artigo porque descreve uma realidade social

a que corresponde o estilo de vida do grupo pesquisado e servirá para a análise empírica do último tópico. Utilizo modernidade-líquida para descrever o contexto da vida urbana nas sociedades globalizadas. Ao analisar esta situação, Bauman (2003) identifica na nova configuração do capitalismo os problemas com os quais nos confrontamos hoje. A atual condição do sistema capitalista requer a necessidade de se adequar ao ritmo dos mercados, gerando o medo de ficar defasado e de tornar-se dispensável. As pessoas se deparam com a insegurança e a existência se torna cheia de incertezas. Segundo Bauman (2005) as identidades culturais sofrem um processo de transformação contínua, suscitando angústias para muita gente que vivencia essa realidade. Diferenciado da modernidade-sólida, em que os projetos de vida eram estáveis como o casamento, o trabalho, a religião, na modernidade-líquida esses projetos não mais garantem segurança, configurando-se em relações fluidas, instáveis.

Na conjuntura contemporânea de vida, ocorreu o declínio das estruturas sociais que viabilizam as identidades sociais estáveis e certa coerência do sujeito (Hall, 1954/1994), as pessoas vivenciam a idéia de um indivíduo fragmentado. O sujeito líquido-moderno é resultado de um modo de vida individualista, pautada pela lógica de consumo (Bauman, 2007), que modifica tanto sua relação com o corpo, como sua relação com os outros.

A desobrigação de permanecer em uma comunidade seguindo aqueles modelos prescritos pela tradição, mas também o declínio das instituições sociais modernas permite que a pessoa idealize o modo como almeja formar a própria identidade, transformando-a em um projeto em permanente construção (Bauman, 2005). É identificada, neste contexto, a construção de identidades instáveis que se modificam conforme os desejos do indivíduo e os múltiplos agenciamentos sociais. Estas características são descritas por Rolnik (2007) como desterritorialização.

Sibilia (2008) em reflexão acerca do processo de subjetivação contemporâneo percebe uma fragilidade instaurada no

momento em que se extraviam as referências e os pilares de sustentação da subjetividade moderna. O amparo sólido das instituições, a proteção do estado e o cuidado das famílias neste contexto se encontram fragmentados, enquanto que o mercado se posiciona para suprir este espaço de fragilidade.

A geração nascida nas últimas décadas do século XX ficou marcada por uma mudança no modo como se concebe subjetividade, que deixou de ser caracterizada por uma interioridade psíquica para tornar-se uma exterioridade corporal e performática (Bauman, 2007; Le Breton, 2003; Sibilia, 2008), em cujo contexto, para mudar a vida, basta modificar o corpo.

O corpo dessas pessoas tende a ser fonte de uma eterna produção de ansiedade, devido à ausência de mecanismos sociais seguros para aliviá-lo. Deste modo, os cuidados em torno do corpo tornam-se fonte de lucro para o comércio. De acordo com Rolnik (2007), é como se em cada propaganda feita pela mídia, tivesse também uma dose de humilhação ao consumidor, gerando, então, uma ansiedade decorrente de um sentimento de inadequação. Sendo a promessa de eliminar ou reduzir tal ansiedade, também uma oferta do mercado bastante sedutora. Deste modo, toda propaganda em torno dos desejos pessoais não prioriza saciá-los, mas estimulá-los, para assim a economia ser movimentada.

O sentido de sujeito, para aqueles que vivenciam a modernidade-líquida, é um projeto a ser atingido, cuja via para torná-lo realidade decorre das condições de consumo. Isto acontece em paralelo às desarticulações das formas de organização coletiva. Assim, ser indivíduo consiste em ser responsável pelos próprios méritos e fracassos. Sem um norte orientador, o indivíduo sai em busca das mais diversas experiências para garantir a sua individualidade.

1.2 Técnicas corporais e subjetivação

Conforme Le Breton (2006), os comportamentos são encadeados em uma lógica social que atribui sentido a cada ação. São estes sentidos, construídos no interior

de cada grupo, onde se legitimam as técnicas do corpo. Uma técnica corporal é definida por Mauss (1950/2003), “como as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo” (p. 401).

Ao aprendermos uma determinada técnica do corpo, aprendemos também uma nova maneira de se servir dos sentidos que são moldados pelo ensino da atividade. Assim, ao aprender uma dança, por exemplo, a pessoa aprende uma nova maneira de escutar, de tocar, de olhar, etc.

Percepções de cores, gostos, sons, grau de afinamento do toque, limite da dor, etc. A percepção dos inúmeros estímulos que o corpo consegue recolher a cada instante é função do pertencimento social do ator e de seu modo particular de inserção no sistema cultural (Le Breton, 2006, p. 56).

Desse modo, a sociologia do corpo demonstra como a corporeidade é formada na relação com o outro.

1.3 Experiências sinestésicas e conhecimento

A experiência vivenciada configura-se em um saber prático. Segundo Bizerril (2007), esse tipo de aprendizado passa por duas etapas. Na primeira, em que o indivíduo não sabe como executar a ação; ele controla, calcula, analisa, de forma consciente para só depois executar o movimento. Na segunda etapa, quando o sujeito já o incorporou ao hábito, passa a executar de modo espontâneo. A habilidade perceptiva é fundamental na primeira etapa, para que entenda como irá praticar a técnica. Consegue, então, reagir de modo criativo e apresentar decisões rápidas, sem a necessidade de raciocinar a respeito. No início, o estudo encontra-se na mente, mas, após o domínio da arte, o saber encontra-se no corpo.

Numa linha de raciocínio análoga, Michel Serres (2004) aponta como o corpo se torna suporte da intuição e da memória no momento de uma atividade física. Os sentidos orientam o caminho da pessoa. O aparelho sensorial permite que uma ação ocorra de forma adequada, sendo

desnecessária a racionalização da atividade para que o movimento ocorra.

Conforme Merleau-Ponty (2004) toda ação humana é permeada pelos sentidos, estes compõem o modo como percebemos o mundo. A consciência, segundo o autor, é o corpo se projetando no mundo. Csordas (2008) complementa dizendo que a corporeidade pode ser entendida como a experiência perceptiva do sujeito. Observar a experiência corporificada¹ de um grupo serve para analisar como funciona a dinâmica da participação humana em uma cultura. Existem formas de participação culturalmente elaboradas que envolvem a atenção a e com o próprio corpo e com o de outros, incluindo a presença de outras pessoas. O autor denomina-as *modos somáticos de atenção*. Este conceito será útil para analisar as experiências do grupo de contatistas (Contatista é uma categoria nativa para praticantes de Contato Improvisação) pesquisados neste artigo.

As aulas de CI - Contato Improvisação - podem ser pensadas como um espaço de subjetivação, sensibilizam o aprendiz aos sentidos do corpo. Ensinam-no como “ouvir” o próprio movimento e o do outro, como tocar o parceiro, que caminho seguir, como improvisar, cair, parar, como buscar a harmonia (Na perspectiva de meus entrevistados, o termo harmonia refere-se a uma qualidade do contato: relação agradável para os que dela participam), na dança e nas relações fora dela, consigo e com os outros.

2. O Método Etnográfico

Para realizar esse trabalho utilizo a epistemologia qualitativa e o método etnográfico², que me pareceu a ferramenta

¹ Corporificação é uma tradução possível do termo inglês *embodiment* que se refere à inscrição da cultura no corpo do nativo e se relaciona diretamente ao debate sobre o *habitus*, as técnicas corporais e sua relação com os processos de subjetivação, bem como à dimensão vivida, não-textual, da cultura.

²No início do século xx, de acordo com González Rey (2002), o trabalho etnográfico de Malinowski e de outros autores ajudou a sistematizar o modelo etnográfico e dar força para a pesquisa qualitativa se estruturar. A etnografia, dessa forma, aparece como uma importante tradição qualitativa, que emergiu da pesquisa antropológica. Existe, portanto, uma compatibilidade teórica entre pesquisa qualitativa e etnografia.

mais apropriada para estudar o *ethos* - segundo Geertz (1978) o conceito *ethos* define os valores sociais de uma cultura específica. É o conjunto de disposições e motivações, caracteriza-se pelo modo de ser e agir de um grupo - da dança Contato Improvisação em um grupo de Brasília.

González Rey (2005) pensa a pesquisa qualitativa como uma possibilidade para a psicologia de realizar estudos a partir da desconstrução da idéia de uma apropriação neutra e linear da realidade, isto é, ele rompe com uma concepção de ciência psicológica ancorada exclusivamente nos parâmetros de cientificidade da pesquisa experimental nas ciências naturais. Sendo assim, em sua proposta de uma epistemologia qualitativa, define o conhecimento como um processo construtivo e interpretativo. Para o autor, a investigação qualitativa ocorre por meio do diálogo entre pesquisador e pesquisado, e, dessa interação, legitima-se a singularidade de cada entrevista, na medida em que se torna inteligível o objeto estudado.

Nas situações em que o entrevistado se encontra diante de perguntas abertas, em que ele possa falar à vontade sobre assuntos de seu interesse, abre possibilidades para um envolvimento maior com a situação de entrevista. Este contexto permite reflexões e elaborações tanto para o entrevistado quanto para o pesquisador, o fruto desse engajamento repercutirá na análise empírica deste tipo de pesquisa. É essa a premissa fundamental da epistemologia qualitativa; abrir espaço para novas interpretações sobre o fenômeno estudado.

Segundo González Rey (2005), o conhecimento passa a ser legitimado quando cria espaços de compreensão sobre o que é estudado e o torna útil para novas produções de conhecimento. Tal fenômeno é denominado, pelo autor, de zonas de sentido. Representa espaços de inteligibilidade produzidos durante o estudo científico. Estes espaços geram novas possibilidades de ação sobre a realidade, tanto durante a pesquisa com os sujeitos pesquisados; como após a mesma, através das representações teóricas.

O método etnográfico, oriundo da antropologia, foi utilizado nesta pesquisa no campo da psicologia. Deste modo, esse trabalho é uma ponte entre a epistemologia qualitativa - discutida por González Rey (2005) que é um teórico da psicologia - e a etnografia; conforme já mencionado na introdução. É importante ressaltar que muitos estudos da antropologia têm servido à psicologia como um aporte teórico para reflexões do cotidiano do ser humano. Cito a seguir alguns, dentre os tantos exemplos de trabalhos realizados por pesquisadores das ciências sociais no Brasil, que apresentam este tipo de perspectiva, como Benedetti (2005) que em seu artigo problematizou o tema da fabricação do corpo feminino em travestis; há também a pesquisa de Giordani (2006) que se atentou a pensar a auto-imagem corporal na anorexia nervosa; Pérez (2006), que refletiu a partir de uma etnografia, como o ato de tatuar-se, nos dias atuais, está imbuído de um desejo de construir uma identidade. Bizerril (2007), que em seu doutorado discute questões sobre corpo, modo de vida e subjetivação. Estes quatro autores têm em comum com o presente artigo a reflexão que formulam acerca das relações entre corpo e identidade.

Já é possível encontrar produção bibliográfica que assinala a ocorrência de diálogo interdisciplinar entre essas duas ciências: a antropologia e a psicologia. É viável utilizar-se do método etnográfico no campo da psicologia, como se pode ver nos artigos de Sato & Souza (2001) que discutiram a qualidade da abordagem etnográfica no estudo da vida de pessoas em locais de trabalho; Toassi, Stolf & Oliveira (2006) que abordaram as significações profissionais de ser bombeiro em meio às inserções tecnológicas no trabalho; Moreira & Cavalcante Junior (2008) que na pesquisa qualitativa em psicologia apresentaram a contribuição da etnografia para compreender culturalmente o fenômeno da psicopatologia. Embora não seja comum, ainda, tal abordagem metodológica no campo da psicologia, é legítima enquanto um método de construção de conhecimento.

O método etnográfico, utilizado neste estudo, pressupõe um horizonte epistemológico qualitativo. Sua aplicação

requer trabalho de campo, observação participante, registro das observações em um diário, interpretação e análise teórica do conteúdo observado. Faz parte também a convivência do pesquisador com os nativos a fim de melhor ter acesso à cultura estudada. Nesse sentido, o etnógrafo precisa dominar a língua dos nativos, conhecer as teorias relevantes à sua pesquisa, estabelecer laços de reciprocidade que lhe dá acesso às concepções, práticas e experiências dos nativos (Bizerril, 2004).

A escrita etnográfica é uma tentativa de traduzir a experiência para a forma de texto. No entanto, essa prática é complicada uma vez que a escrita jamais será um mero reflexo da realidade. É preciso considerar as múltiplas subjetividades existentes num único campo. Existe também a subjetividade do próprio pesquisador, além da subjetividade dos leitores. Por isso, etnografia é apenas uma interpretação intertextual, jamais uma verdade.

Nesse método de pesquisa, existe uma preocupação em como desenvolver sínteses de uma cultura e ao mesmo tempo descrever a dinamicidade de uma realidade variável e em transformação. Nesse sentido, Barth (2000) sugere que se realize uma escrita crítica da percepção que os nativos têm de suas motivações, conceitos e significados, sem, no entanto atribuir aos resultados uma validade hegemônica às representações nativas.

Tomando como referência a argumentação de Bizerril (2004), a antropologia fenomenológica mostra como a experiência corporal do pesquisador pode ser um recurso para entrar no mundo do nativo e promover outros tipos de conhecimento, que não só por meio da visão. O corpo, nesse caso, não é usado para construir um sistema de classificações, mas, como um meio de adentrar na cultura. O conhecimento por meio da experiência corporal facilita o entendimento das práticas do campo, abre a subjetividade do pesquisador ao universo cultural do nativo tornando a escrita etnográfica mais rica em detalhes, já que a ação é também um tipo de comunicação, e aproxima o pesquisador dos sujeitos do campo, facilitando, desta forma, sua compreensão destas práticas. É

importante ressaltar que a experiência corporal do pesquisador, mais do que relatar a sua vivência subjetiva, pretende resgatar a experiência coletiva compartilhada na cultura (Bizerril, 2004).

Ao etnografar, o pesquisador mantém um intenso envolvimento intersubjetivo com as pessoas pesquisadas. É no encontro entre culturas onde surgem perguntas que jamais poderiam ser formuladas sem a presença do outro. Desse modo, o pesquisador nunca será o único autor deste tipo de trabalho, já que esses indivíduos fazem também parte do resultado da pesquisa. Por isso, conforme Bizerril (2004), sendo a etnografia consequência de uma troca, é importante que o pesquisador tenha uma atenção especial à ética daquilo que escreve.

3. O Contato Improvisação

3.1 A Dança

O Contato Improvisação nasceu no início dos anos setenta nos EUA. Steve Paxton (Novack, 1990) foi o principal idealizador desta técnica. Ele praticou ginástica olímpica e dança na adolescência. Trabalhou com teatro improvisado, arte visual, da dança moderna e experimental. Praticou também Aikido, arte marcial japonesa. Todas essas experiências o inspiraram a pesquisar as possibilidades do movimento do corpo, dando início ao que hoje conhecemos como Contato Improvisação. Segundo Novack (1990), antropóloga que etnografou todo o percurso do Contato Improvisação por meio de sua tese de doutorado, Paxton estava interessado em saber como na dança improvisada promoveria a interação entre os corpos e a participação igualitária entre eles.

Nesta dança a pessoa é ensinada a reagir ao senso de desorientação e a guiar os movimentos do corpo a partir da atenção voltada para as sensações corporais. O foco se encontra na sensação física do toque, da pressão e do peso depositado no corpo do outro.

Inspirada na experiência física proposta pelo zen budismo, a pessoa é incentivada a exercitar um estado de consciência presente no aqui e agora, ao invés de imersa em recordações ou expectativas acerca do

futuro. A consciência voltada para o presente permite o praticante perceber e reagir de modo mais atento e posicionar o corpo de forma mais adequada e eficiente.

Segundo Bizerril (2003), O Contato Improvisação estimula o desenvolvimento e a renovação do vocabulário corporal do dançarino, é uma intensiva exploração de novas possibilidades para mover-se. O tato serve ao praticante como uma leitura da intenção, direção, eixo gravitacional e possibilidades de ação instruídas pelos parceiros. No processo de aprendizagem do Contato Improvisação o praticante adquire habilidades em como executar tipos particulares de movimento, desenvolve também um domínio de como interagir com a outra pessoa.

3.2 O campo

No segundo semestre de 2008 passei a freqüentar as aulas de Contato Improvisação com o professor Giovane Aguiar. As aulas duravam duas horas, aconteciam duas vezes por semana, no turno da noite. A turma consistia em treze praticantes, dez mulheres e três homens. As idades variam dos vinte aos quarenta. Pertencentes à classe média; residentes no Plano Piloto - região central de Brasília, correspondente ao plano original da cidade, dos anos 60, atualmente habitada fundamentalmente por população de classe média - cursam ou já terminaram o nível superior; eram na maioria brancas. Geralmente chegavam por indicação de algum conhecido.

3.3 As Aulas

A dança tende a explorar movimentos em espirais, que são movimentos arredondados em oposição aos movimentos rígidos e lineares, a fim de economizar energia e aproveitar toda a força que chega ao indivíduo através do parceiro, e dessa maneira dar continuidade à ação gerada pelo outro. É comum o desequilíbrios durante os

exercícios e as *jam*³, por isso, no momento das aulas faz parte do roteiro aprender a cair.

Exemplifico a prática de cair com um excerto de uma aula registrada em meu diário de campo: o professor sugeriu uma aula de rua que foi realizada nas áreas residenciais numa dessas quadras esportivas da Asa Norte, bairro do Plano Piloto. Num clima de mistério, seguimos a orientação de levar patins quando a maioria dos alunos não tinha a mínima noção de como andar. Foi o momento em que o professor num riso contido nos mencionou o tema da aula: queda e equilíbrio. A brincadeira baseava-se em equilibrar o corpo sobre um par de patins. Para dificultar, montamos um time de basquete sobre rodas para pôr em teste nossa consciência corporal. Não preciso mencionar a quantidade de quedas ao longo do jogo.

Enquanto algumas escolas de dança incentivam a aprendizagem pelo desgaste físico com formação de calos nos pés ou hematomas pelo corpo devido ao treinamento exaustivo que prioriza a estética, no Contato Improvisação a ênfase está em desenvolver a capacidade de “escuta” do corpo. Creio que por isso o CI acaba sendo tão atrativo para aqueles que não fazem parte do circuito da dança e procuram nesta modalidade um tipo de “terapia” para trabalharem a percepção que têm sobre si. A prática desta dança consiste em exercitar a atenção sobre os movimentos próprios e o dos outros, o que acaba possibilitando ao praticante novas formas de servir-se dos sentidos do corpo, influenciando nas relações que estabelecem com as outras pessoas.

Percebo entre alguns praticantes a motivação pela dança ser a de encontrar nas aulas um espaço para o autoconhecimento. Os praticantes que não fazem parte dos circuitos da dança geralmente têm seus interesses voltados para melhorar o modo

³ O termo JAM significa Jazz After Midnight, usado por músicos de Jazz quando se uniam para praticar a improvisação na música, com seus instrumentos musicais. O Contato Improvisação tomou esta expressão emprestada para se referir aos eventos desta dança, momentos que não se configuram enquanto aula, mas como sessões livres para improvisação, destinados àqueles que já conhecem os princípios básicos desta dança, e reúne os “contatistas” para explorar possibilidades novas de movimento.

como interagem com outras pessoas e para sensibilizar a atenção depositada no próprio corpo, na postura e na forma como o movimentam. Este interesse por parte dos praticantes corresponde ao *habitus* das camadas médias e altas das sociedades globalizadas, para quem os corpos são objeto de investimento estético e fonte de prazeres (Le Breton, 2006).

Nas aulas de Contato Improvisação, os alunos não somente recebem instruções de como dançar, mas também, em certa medida, recebem algumas recomendações de como viver. Não se trata de uma reflexão filosófica formal, é algo muito mais da ordem de uma “estética da existência”, para usar o termo de Foucault (1994/2004).

As propostas reflexivas que a dança promove estão presentes nas aulas, sempre há um espaço dedicado a conversas com este teor. Os alunos passam boa parte do tempo com a atenção voltada ao próprio comportamento. Observam o modo como realizam cada exercício: a respiração, a postura, a flexibilidade e a intenção compõem os movimentos que aos poucos vão ganhando forma conforme as conversas que instruem os processos de subjetivação de cada ouvinte.

4. Conversando com os praticantes: a análise empírica

4.1 Os Contatistas e os modos líquido-modernos de vida

Em muitos dos relatos, a crítica ao distanciamento nas relações diárias foi o motivo pelo qual os praticantes buscaram as aulas de Contato Improvisação. Comentaram encontrar nesta dança um lugar para a aproximação física com outras pessoas, sem que isso fosse um problema, como ilustrado pelo fragmento da entrevista de Mateus⁴, 32 anos:

A proximidade na dança é legal, é bom esse contato. Na sociedade se a gente encosta em alguém, pede desculpas. Você não pode

tocar em ninguém, e aqui de repente é o momento que você encosta em alguém e isso é bom, isso faz parte do motivo de todo mundo estar aqui, faz bem para o corpo estar em contato com outros corpos.

Segundo Bauman (2004), na atualidade as relações humanas são motivo de temor e insegurança. Por isso muitos preferem os relacionamentos “em rede”, deste modo evitam qualquer tipo de comprometimento com o outro, já que na internet existe a facilidade tanto para conectar-se como para desconectar-se com outras pessoas, basta para isso apenas pressionar um botão. Características tipicamente distanciadas estabelecidas por meios virtuais, sem vínculos e de curto prazo. De acordo com Le Breton (2003), este é um reflexo do empobrecimento da vida coletiva, marcada por uma “comunidade” de imagens em que a relação não se estabelece pelo convívio, mas pelas impressões rápidas e descartáveis.

4.2 O *ethos* terapêutico no grupo

Catarina, 43 anos, aluna há um mês, estava empenhada em se conhecer melhor. Procurou as aulas de Contato Improvisação para melhorar o modo como se relaciona com as outras pessoas:

Eu estou fazendo terapia, eu falei para a minha psicóloga que eu tenho dificuldade de contato com as pessoas, então comecei a procurar uma dança para me soltar mais. Liguei para uma amiga minha, a Amanda, que faz dança contemporânea. Ela me deu o telefone da Sarah, que me indicou o Contato. Eu queria uma dança que pudesse ter contato físico, que não fosse uma dança estética, queria uma coisa mais integrada... Na primeira aula de Contato Improvisação já me apaixonei. Foi uma aula de quedas. Cair numa pessoa que eu não conheço mexeu muito comigo, com minha auto-estima e com meu preconceito. Mexe com os nossos padrões por conta do preconceito do toque. Quando alguém na rua tocava em mim eu levava um susto. Agora estou mais descontraída. As pessoas falam que eu estou mais expressiva, mais solta. Comecei a aceitar mais o meu corpo. Isso está mexendo na minha vida como um todo. O professor é muito cativante. Eu peguei uns ensinamentos da aula para minha vida: eu faço das quedas um passo de dança. Eu levo muito a sério as coisas que eu faço. A gente tem que ser flexível.

⁴ É importante ressaltar que os nomes dos alunos entrevistados são todos fictícios, exceto o do professor Giovane.

Às vezes eu digo que o chão está duro, e às vezes sou eu que estou dura. Estou aprendendo a ser mais flexível... Como as pessoas perdem oportunidade na vida por serem tão rígidas! E eu falo isso para mim.

É perceptível entre os praticantes do CI a vontade de estabelecer um contato mais próximo com as outras pessoas, uma vez que na vida cotidiana sentem-se solitários. Também é nítida a vontade desses alunos em trabalhar nas atividades de aula a percepção que fazem de si. Tecendo um breve paralelo com o trabalho de Leila Amaral (2000) sobre o movimento Nova Era, a autora identifica entre os frequentadores deste movimento o compromisso de estabelecer uma relação de bem-estar: na vida cotidiana, na comunidade e no planeta. Bem como no workshop de variadas combinações terapêuticas, etnografado pela autora, reconheço em alguns praticantes da dança elementos comuns àqueles descritos por ela. Muitos alunos do Contato Improvisação empenham-se em encontrar através da dança, uma terapia que os desperte para a saúde da mente e do corpo. Há um ethos *psi*, característico na fala da maioria de meus entrevistados, que encara a sua prática como terapêutica. Embora não se trate necessariamente de um público *New Age* ou Nova Era, os praticantes do CI partilham deste tipo de olhar *psi*. Em ambos os espaços é possível reconhecer uma busca por transformar a consciência a fim de restaurar a saúde individual. Arthur, 36 anos, ao conceder sua entrevista, ilustra como tal construção é presente no imaginário de muitos alunos.

O contato traz uma forma nova de você lidar no seu dia-a-dia. Dá uma percepção maior do que é você, do que é o seu corpo e do espaço que você ocupa... Vejo que eu fui conseguindo um relaxamento. Hoje percebo as tensões. O contato traz uma qualidade de vida para você.

Apesar de Steve Paxton diferenciar o Contato Improvisação de encontros terapêuticos (Novack, 1990), essa dança apresenta algumas características semelhantes àqueles espaços. Os exercícios do Contato conduzem os dançarinos a uma

“escuta” do corpo, não se restringe apenas a uma técnica de como dançar. A dinâmica dos exercícios é explicada de maneira metafórica, ao mesmo tempo em que o professor ensina como dançar, remete os alunos a recomendações que servem para a vida cotidiana, assim como mencionou a aluna Catarina:

No dia da aula sobre quedas teve um exercício que a gente caía, e ninguém te segurava. E na vida é assim. Às vezes você cai e ninguém te segura. Na vida é o seguinte, às vezes você dá e às vezes você recebe. Às vezes você apóia o outro. Eu não sabia lidar com isso. Agora estou refletindo melhor. Às vezes a gente tem que apoiar o outro e eu só queria receber.

Talvez devido às características descritas acima seja o motivo desta atividade ser tão atraente a pessoas que não fazem parte do circuito profissional da dança, justamente por não se tratar de performances para espetáculo. Conforme as conversas com os entrevistados relataram interessar-se pela atividade por sensibilizar o corpo para a consciência corporal, melhorar a relação com outras pessoas, perceber as emoções e trabalhá-las durante os exercícios.

É importante ressaltar, no entanto, que apesar de sensibilizar os alunos para a atenção ao corpo, o Contato Improvisação se diferencia das terapias corporais, cuja proposta é, de forma geral, segundo Lowen (1977), trabalhar os conflitos emocionais somatizados no corpo. No Contato Improvisação o foco não é esse, embora não impeça de exercer, de forma indireta, um resultado terapêutico sobre o indivíduo.

4.3 Os modos somáticos de atenção

A forma como o professor concebe a dança também influencia o modo como os alunos percebem essa atividade. Giovane, 45 anos, o professor da turma que acompanhei, sofreu uma queimadura quando criança que bloqueou a sensibilidade tátil em uma parte de sua pele. A prática do Contato Improvisação o ajudou a resgatar essa sensibilidade perdida.

Aos sete anos eu sofri um acidente e fiquei com seqüelas de queimadura... O Contato foi a ferramenta que me ajudou a desenvolver a sensibilidade e a percepção na minha pele. Hoje para mim, o Contato é uma técnica de formação para o corpo que permite você se conhecer melhor.

As aulas do Giovane apresentam uma característica própria. A ênfase na percepção do corpo é uma marca que o identifica e que seus alunos passam a adquirir. Na entrevista de Sarah, 24 anos, (relatada abaixo), evidencia como a atividade do Contato Improvisação, neste grupo, não se limita à dança, mas também ao desejo de desenvolver uma consciência corporal.

O que você está vivendo influencia na dança e a dança influencia no que você está vivendo. A dança me ajuda a ficar aberta, na relação com os outros. A aula do Giovane tem umas coisas de consciência corporal. É um espaço que dá liberdade para dançar sem pensar. Flui... Percebo quando estou bem, isso tem consequência na dança.

De acordo com Merleau-Ponty (2004), toda experiência humana passa primeiro pelos sentidos para depois ser organizada por uma síntese intelectual. Percebi nos relatos dos praticantes a atenção às percepções sensoriais no momento das aulas. Csordas (2008) define este tipo de experiência como *os modos somáticos de atenção* para explicar as maneiras culturalmente elaboradas de estar atento ao corpo em ambientes que incluem a presença corporificada⁵ de outros. Nesse sentido, a atenção ao corpo envolve um engajamento sensorio e um objeto. É compartilhado em um meio intersubjetivo com os outros e também inclui a atenção aos corpos dos outros.

Analisando num contexto geral, os praticantes, cada qual em sua busca, vinculam-se no tema da atenção somática. As aulas de Contato Improvisação do professor Giovane orientam a uma sensibilização do modo de perceber o corpo. Merleau-Ponty (2004), explica que toda percepção é pré-discursiva, mas esta qualidade não implica que ela seja pré-cultural, se inscreve na

cultura através de outros mecanismos além do discurso. Nesse processo de aprendizado coletivo de prestar atenção com e ao corpo, a turma de CI desenvolve uma comunidade que é formada pelo contato corporal que se estabelece com os outros praticantes; uma comunidade cuja comunicação é realizada através do corpo e que exerce influência em outros setores da vida deles.

Citro (2006), ao analisar o trabalho de Merleau-Ponty sobre a fenomenologia da percepção, explica como a experiência vivida torna-se transmissível a um outro justamente por não ser dependente de um texto, intrinsecamente dependente de categorias e classificações. Dessa forma, a ordenação da percepção é realizada pela experiência coletiva, no contexto da prática, e por isso é transmissível. A transformação de si acontece por meio de uma ação sobre os corpos, e não pelos discursos. De maneira semelhante, Bizerril (2007), no contexto de sua etnografia sobre taoísmo no Brasil, argumenta que o treinamento corporifica a experiência coletiva e conduz o sujeito a uma determinada visão de mundo (Bizerril, 2007).

Deste modo, concluo que a comunidade formada pelos praticantes de CI forma-se na experiência compartilhada do contato corporal. A comunicação se dá pelas percepções sensoriais. É na pele onde a experiência é organizada, por meio dela, todo o corpo responde de forma intuitiva e rápida às demandas de peso, eixo e equilíbrio da dança. No Contato Improvisação a experiência torna-se coletiva no nível do *habitus*⁶, na medida em que a técnica se inscreve nas possibilidades corporais dos praticantes. Ainda que compartilhada narrativamente, a comunidade de contatistas se forma primordialmente por meio de habilidades corporais e *modos somáticos de atenção* específicos. A experiência é compartilhada no nível sensorio-motor.

⁵ É a experiência perceptiva e o modo de presença e engajamento do indivíduo no mundo (Csordas, 2008).

⁶ *Habitus* se forma no envolvimento do agente num domínio prático já estruturado, e uma vez formado funciona como princípio que gera e organiza novas práticas (BOURDIEU, 1980, 2000 *apud* ORTEGA, 2008). O *habitus* articula o corpo e a sociedade por serem ambos uma estrutura estruturada e estruturante (ORTEGA, 2008).

Considerações Finais

Baseada nas etnografias de Novack (1990), Bizerril (2003) e em minha pesquisa de campo, encontrei na técnica do Contato Improvisação uma expressão do *ethos* da contracultura que se caracteriza por uma desconstrução da normatização dos corpos, por uma valorização do movimento “espontâneo” ou “autêntico” como expressão do sujeito.

Tomando como base autores que discutem os processos contemporâneos de subjetivação (Bauman, 2004; Le Breton, 2003; Rolnik, 2007; Sibilia, 2008) identifiquei no Contato Improvisação em Brasília a reunião de pessoas cujas características sociológicas justificam a suposição de que participam em alguma medida desses processos. Os praticantes, majoritariamente de classe média, com alto nível de escolaridade e acesso às tecnologias virtuais de informação compõem um grupo de pessoas com o ideal de construir uma identidade autônoma, típica da modernidade líquida descrita por Bauman (2007).

As motivações dos entrevistados para a prática da dança são diversificadas. Muitos comentaram o desejo de estabelecer contato corporal com outras pessoas, uma vez que no cotidiano as relações com outras pessoas lhes pareciam distanciadas e frias. Outro tema enfatizado nas entrevistas foi o desejo de trabalhar o autoconhecimento por meio das técnicas abordadas nas aulas de atenção ao corpo.

Concluo este trabalho destacando como as motivações dos praticantes estão relacionadas com a dinâmica da vida contemporânea, que produz necessidades de formar vínculos e de construir uma identidade singular e “autêntica”. Segundo Bauman (2007), essa dinâmica da vida “líquido-moderna”, repercute em uma tensão no sujeito, pois vivencia um paradoxo, ao mesmo tempo em que deseja construir uma relação, teme as conseqüências que a mesma lhe pode trazer; ao mesmo tempo em que deseja liberdade para explorar novidades, teme se prejudicar.

Nas aulas de Contato Improvisação percebi como a técnica consiste de um

desenvolvimento da percepção do corpo e como essa atividade específica transforma os padrões habituais dos praticantes, no que diz respeito à propriocepção, movimento, postura e contato com outros corpos. Segundo o professor Giovane, o Contato Improvisação consiste numa técnica que antes de ser artística, trabalha a consciência corporal. É um espaço de sensibilização do tato, dançada em silêncio, permite o conhecimento da estrutura física daquele que dança. Muitos de seus alunos não fazem parte do circuito profissional de dança, sendo que alguns chegaram por indicação de terapeutas. As aulas foram um contexto propício para perceber o próprio corpo e as emoções relacionadas a ele. Segundo relatos dos entrevistados, a prática da atividade auxiliou na percepção da dinâmica de movimentação corporal do praticante, o que permitiu construir reflexões sobre a forma como se posiciona na vida, contribuindo para um autoconhecimento e repercutindo na qualidade das relações sociais que estabelece, fora do contexto da dança.

Tanto entre os alunos, como com o professor pude perceber que o ensino da técnica do Contato Improvisação voltava-se mais para uma educação da “escuta” do corpo do que ao ensino de uma dança estética, o que acaba atraindo pessoas com uma demanda terapeutizante. Por outro lado, essa técnica não se enquadra como uma terapia, visto que não há uma codificação direta da relação dos exercícios físicos com a saúde emocional dos praticantes. A atividade pode ter como conseqüência secundária tal efeito, mas segundo o professor Giovane, uma vez sistematizado essas relações, a técnica deixa de existir, deixa de ser improvisação. O efeito terapêutico *psi* da técnica seria como um efeito indireto da transformação da consciência de si no plano corporal. Haveria uma distinção entre a perspectiva do professor e alguns dos praticantes informados tanto pelas psicoterapias convencionais quanto pela lógica terapêutica *New Age*.

Identifiquei no grupo pesquisado uma sub-cultura baseada em *modos somáticos de atenção* (Csordas, 2008) específicos. A prática

do Contato Improvisação constitui-se por uma educação que elabora uma maneira de estar atento ao corpo, compartilhada em um meio intersubjetivo através do contato físico com os outros praticantes. A técnica produz um corpo sagaz que permite ao indivíduo reagir a eventos, de forma espontânea, sem ter que analisar como. Nesse contexto, defino o grupo de praticantes como uma comunidade estabelecida por meio da experiência vivenciada pelo contato corporal, cuja comunicação se estabelece, sobretudo pelas percepções sensoriais.

A vivência se torna coletiva pela experiência sensório-motora entre as pessoas da dança. Nesse sentido, Merleau-Ponty (2004) explica que a percepção se insere na cultura, se organiza por meio das atividades vivenciadas em grupo. É na experiência em grupo o momento em que se transmite a cultura e se forma a comunidade.

O ensino de qualquer técnica corporal implica um processo de subjetivação, pois ensina simultaneamente formas específicas de estar no mundo. No caso do Contato Improvisação, a corporificação da técnica consiste na sensibilização para as experiências sinestésicas, em desenvolver a consciência corporal, o que, no entendimento dos praticantes, ajuda no autoconhecimento, e melhora a sua “qualidade de vida” - o termo qualidade de vida consiste de uma categoria nativa, não é um conceito teórico. Refere-se à melhora na qualidade das relações estabelecidas com as outras pessoas e no sentimento de satisfação das condutas escolhidas para a resolução de problemas cotidianos.

Devido às histórias individuais, ao público heterogêneo, às idades variadas, aos circuitos sociais distintos dos quais fazem parte os praticantes, as produções de sentido em relação à dança variam, mas em alguma medida os praticantes compartilham do mesmo processo de subjetivação, particularmente no que se refere a um *habitus* compartilhado.

Esta pesquisa, no contexto da psicologia, apresenta um olhar sobre o modo de vida contemporâneo. A partir de uma estratégia etnográfica, foi possível construir análises sobre o processo de subjetivação relativo ao aprendizado de uma técnica corporal

específica. Em alguma medida, a análise ecoa determinados aspectos das descrições macro da sociedade pós-moderna, sem ser esgotada por estas descrições. Inserir a psicologia em pesquisas e discussões sociais é produtivo, para compreender melhor o sujeito inserido em diferentes contextos.

Referencias

- Amaral, L. (2000). *Carnaval da alma*. Petrópolis: Vozes.
- Barth, F. (2000). *O guru, o iniciador e outras variações*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Bauman, Z. (2004). *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2005) *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2007). *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Benedetti, M. (2005). *Entre curvas e sinuosidades: a fabricação do feminino no corpo das travestis*. Em: *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis* (pp.51-88). Rio de Janeiro: Garamond.
- Bizerril, J. (2003). *Dança e dialogia: etnografando o contato e improvisação*. *Cadernos de dança: revista de estudos antropológicos da dança e do corpo*, 01, 15-34.
- Bizerril, J. (2004). *O vínculo etnográfico: intersubjetividade e co-autoria na pesquisa qualitativa*. *Universitas ciências da saúde*, 2(02), 153-166.
- Bizerril, J. (2007). *O retorno à raiz: uma linhagem taoísta no Brasil*. São Paulo: Attar.
- Citro, S. (2006) *Variaciones sobre el cuerpo: Nietzsche, Merleau-ponty y los cuerpos de la etnografía*. Em: *Matoso, E. (org.) El cuerpo incerto: arte/cultura/sociedad* (pp. 45-106). Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires.
- Clifford, J. (1998). *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRG.
- Csordas, T. (2008). *Corpo/ Significado/ Cura*. Porto Alegre: UFRGS.
- Foucault, M. (2004). *As técnicas de si e uma estética da existência*. (pp 73-105). Em: *Coletivo Sabotagem (org.) Por uma vida não-fascista*. Web site: <http://www.sabotagem.cjb.net>.
- Geertz, C. (1978). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Giordani, R. (2006). A auto-imagem corporal na anorexia nervosa: uma abordagem sociológica. *Psicologia & Sociedade*, 18(2). Recuperado em 02 de dezembro de 2009 de <http://www.bvs-psi.org.br>
- González Rey, F. L. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- González Rey, F. L. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade, os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- González Rey, F. L. (2005). *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Hall, E. (1954/1994). *A Linguagem Silenciosa*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Lane, S. (2004). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.
- Le Breton, D. (2003). O corpo acessório In: *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus.
- Le Breton, D. (2006). *A sociologia do corpo*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Lowen, A. (1977). *O corpo em terapia: a abordagem bioenergética*. São Paulo: Summus.
- Mauss, M. (2003). As técnicas do corpo. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.
- Merleau-Ponty, M. (2004). *Conversas - 1948*. São Paulo: Martins Fontes.
- Moreira, V. & Cavalcante Junior, F. (2008). O método fenomenológico crítico (ou mundano) na pesquisa em psico(pato)logia e a contribuição da etnografia. *Estud. Pesqui. Psicol*, 8(2). Recuperado em 02 de dezembro de 2009, de <http://www.bvs-psi.org.br>
- Novack, C. J. (1990). *Sharing the dance: contact improvisation and American culture*. Wisconsin: University of Wisconsin Press.
- Pérez, A. (2006). A identidade à flor da pele. *Etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade*. *Mana*, 12(1). Recuperado em 02 de dezembro de 2009, de <http://www.bvs-psi.org.br>
- Rolnik, S. (2007). A crise na subjetividade. In: *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina UFRGS.
- Sato, L. & Souza, M. (2004). Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através de pesquisa etnográfica em psicologia. *Psicologia USP*, 12(2). Recuperado em 02 de dezembro de 2009, de <http://www.bvs-psi.org.br>
- Serres, M. (2004). *Variações sobre o corpo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Sibilia, P. (2008). *La intimidad como espectáculo*. Buenos Aires: Fondo Económico de Cultura.
- Toassi, A., Stolf, M & Oliveira, M. (2006). Inserção tecnológica no trabalho: etnografia das significações profissionais de bombeiros. *Psicologia: ciência e profissão*, 26(2). Recuperado em 02 de dezembro de 2009, de <http://www.bvs-psi.org.br/>